



ANALISANDO ALGUNS ESTUDOS CIENTÍFICOS: EM FOCO A TRANSEXUALIDADE

Matheus Marinho da Silva¹
Joanalira Corpes Magalhães²
Juliana Lapa Rizza³

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir, a partir da análise de alguns artigos científicos, os saberes que vem sendo produzidos sobre a transexualidade a partir da materialidade biológica dos sujeitos, problematizando o quanto esses estudos científicos vêm instituindo algumas “verdades”. Como material de pesquisa utilizamos artigos presentes na base de dados *PubMed*. Ao analisar os artigos, observamos que são abordadas as questões referentes a genética e ao cérebro dos sujeitos, buscando compreender as causas da transexualidade e legitimando assim os saberes produzidos a partir do discurso científico.

Palavras-chave: Transexualidade. Materialidade biológica. Saberes científicos.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir, a partir da análise de alguns artigos científicos, os saberes que vêm sendo produzidos sobre a transexualidade a partir da materialidade biológica dos sujeitos, problematizando o quanto esses estudos científicos vêm instituindo algumas verdades.

O estudo é um recorte da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

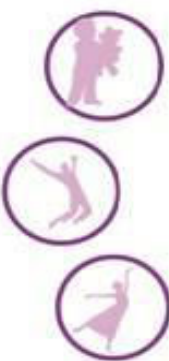
Para tanto, inicialmente produzimos algumas interlocuções afim de pensar a transexualidade ao longo do tempo, em seguida destacamos a produção de dados que se deu a partir da busca de artigos presentes na base de dados *PubMed* e, por fim, apresentamos algumas análises produzidas a partir dos estudos presentes nos artigos selecionados.

¹ Mestrando, em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, theumarinho@hotmail.com

² Doutorado em Educação em Ciências, Professora Ajunta do Instituto de Educação, Professora do PPG Educação em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, joanaliracm@yahoo.com.br

³ Pós-doutoranda pelo PPG em Educação em Ciências: química da vida e saúde. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, ju_rizza@yahoo.com.br





Tecendo algumas interlocuções: (re)pensando a transexualidade

Para pensar acerca da transexualidade é preciso revisitarmos a história, não para buscar a origem do foco deste estudo, mas para pensarmos os movimentos que foram se constituindo, para que possamos compreender alguns atravessamentos entre a invenção da transexualidade e o discurso científico.

Os discursos científicos sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres, construídos nos séculos XVIII e XIX, foram antecidos pela discussão do novo estatuto social da mulher e do homem. Por volta da metade do século XVIII, as diferenças entre os sexos eram pensadas dentro da ideia do isomorfismo sexual, até que se tornou importante diferenciar biologicamente homens e mulheres, mediante o uso do discurso científico. (BENTO, 2012).

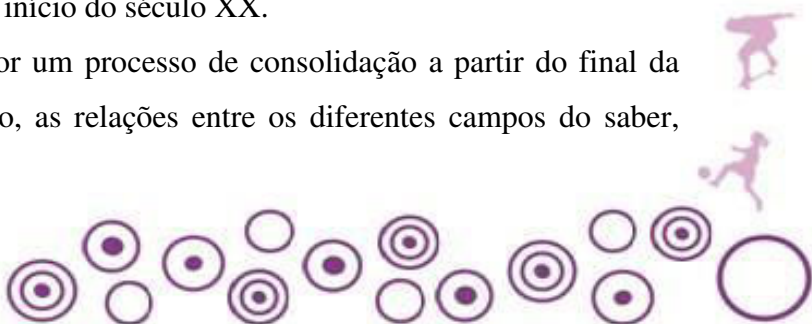
Com isso, essas diferenças biológicas de homens e mulheres passam a incorporar outros significados, o gênero dos mesmos deve corresponder ao seu sexo biológico, ou seja, homens devem ter pênis e mulheres devem ter vagina, além disso devem seguir uma norma binária e heterossexual, chamada heteronormatividade. Segundo Bento, entende-se a heteronormatividade como:


A capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos seus marcos. É um lugar que designa a base de integibilidade cultural através da qual se naturaliza corpos/gêneros/desejos e definirá o modelo hegemônico de integibilidade de gênero, no qual supõe que para o corpo ter coerência e sentido deve haver um sexo estável expresso mediante o gênero estável (masculino expressa homem, feminina expressa mulher). (BENTO, 2012, p. 51).

Assim, o gênero está associado a genitália, que socialmente denominamos como sexo. Gênero feminino para mulheres/fêmeas e gênero masculino para homens/machos, colocando esses sujeitos em uma norma binária, ou seja, podem ser isso ou aquilo. Aqueles/as que fogem a essa lógica, sexo-gênero, são considerados “anormais”. Ao fugirem a essa “norma”, esses sujeitos são capturados para que possam ser conhecidos, para tanto são investigados e esquadrihados e alguns saberes são produzidos.

Dessa forma é que a transexualidade foi sendo “inventada”, a partir desse discurso narrado e vivido pela sociedade ocidental na transição da modernidade para contemporaneidade. Para compreender a construção desse termo é preciso suscitar a forma como os novos padrões de corpos, sexos, gêneros e sexualidades foram sendo criadas pela ciência entre a metade do século XIX e o início do século XX.

O termo transexualidade passa por um processo de consolidação a partir do final da Segunda Guerra Mundial, neste processo, as relações entre os diferentes campos do saber,





Medicina, Ciências da Psique, Religião, Sociologia, Sexologia, Direitos civis, contribuíram para a “invenção” da transexualidade, definindo assim suas características buscando trazer os sujeitos para sua forma “normal” e “natural”, para que fossem aceitos pela sociedade prevenindo estes da “anormalidade”. Ainda em 1949 D.O Cauldweel, publica o artigo *Psychopatia Transexualis*, utilizando o termo transexualismo.

A utilização desse termo com o sufixo ismo, irá reafirmar a ideia de patologia, de doença onde os sujeitos que escapam as normas sociais, devem ser capturados, para que possam ser “tratados”. Com essa ideia, médicos, psicólogos, endocrinologistas, são acionados afim de produzir saberes sobre esses sujeitos, instituindo verdades sobre os mesmos.

Mais tarde, em 1952, o termo transexualidade se destacou mundialmente a partir da publicação em um jornal, quando apresentou George William Jorgensen JR, que passou a adotar o nome de Christine, com o auxilio da tecnologia científica e os trabalhos realizados pelo Dr. Chistian Hamburger, com a realização da primeira cirurgia de “adequação do sexo”.


Através desse acontecimento e das publicações, o discurso científico sobre a transexualidade começa a ter maior visibilidade, impulsionando outros profissionais, como o endocrinologista Harry Bejamim, o psicólogo e psiquiatra John Money, e o psiquiatra e psicanalista Robert J. Stoller.

Outros movimentos foram acontecendo e em 1964, Stoller, cria o conceito de “identidade de gênero”, que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, porém em formas e graus que se diferenciam. Stoller (1993), afirma que: “Isso não é igual à qualidade de ser homem ou mulher, que tem conotações com a biologia; a identidade de gênero encerra um comportamento psicologicamente motivado. [...] sexo e gênero não estão, necessariamente, de maneira direta relacionados” (LEITE, 2011, p. 148).

Essas questões provocam alguns rompimentos no padrão que vinha sendo produzido pela sociedade e pelos estudos científicos, em que o sexo estava diretamente relacionado ao gênero. Nesse momento os estudos realizados por Stoller, influenciaram Money a fundar uma clínica de Identidade de Gênero, junto ao Hospital *Johns Hopkings*, que tinha o intuito de “tratar” e cuidar pessoas que não se identificavam com seu gênero e suas genitais, além do acompanhamento de vários pacientes.

Surge então, na década de 1960, a necessidade de produzir um diagnóstico para a transexualidade, que ganhou maior destaque em 1980 e foi incluído no Código Internacional de Doenças – CID no mesmo ano, onde categorizou a transexualidade como doença. Em 1994, o Manual de Diagnostico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM-IV, substituiu o diagnóstico de “Transexualismo” pelo de “Transtorno de Identidade de Gênero”. Tais





documentos abordam a transexualidade como uma doença, que pode ser chamada de transtorno de identidade de gênero ou transtorno de identidade sexual, sendo assim os sujeitos transexuais devem passar por tratamento, pois apresentam uma “doença”, transtornos que devem ser corrigidos.

Esse movimento de sistematizar um diagnóstico, fez com que a transexualidade fosse compreendida enquanto uma patologia que pode ser “tratada” e “curada”. Além disso surge a necessidade de regulamentar esses procedimentos, segundo (ARÁN; MURTA; *apud.* LEITE, 2011) o diagnóstico de Transtorno de Identidade de Gênero foi uma forma de regulamentar a demanda de transexuais por mudanças de sexo e que a própria definição de transexualidade somente se tornou possível nesse contexto.

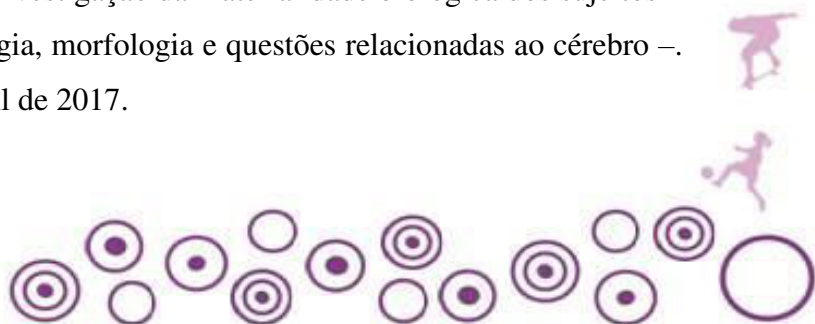
A última atualização do DSM, o DSM- V trocou a nomenclatura de Transtorno de Identidade de Gênero, por Disforia de Gênero, o que nos possibilita pensar o quanto as questões trans, ao longo do tempo, vem sendo renomeadas e reinventadas por um conjunto de saberes imersas em relações de poder, quais possibilitaram a legitimação da transexualidade como um fenômeno do âmbito da medicina, em geral o psiquiátrico.


Dessa forma, ao revisitarmos a história, afim de compreender alguns atravessamentos entre a invenção da transexualidade e o discurso científico nos possibilita problematizar, ao investigar alguns artigos científicos, como a ciência vem produzindo esse conhecimento e instituindo verdades, a partir da materialidade biológica dos sujeitos transexuais.

Buscando o Material de Análise:

A produção de dados para a pesquisa aconteceu através de uma busca no Portal de Periódicos da CAPES/MEC, definido como material empírico deste estudo artigos presentes na base de dados *PubMed*. Para iniciar essa busca por artigos, escolhemos os descritores *Transsexuality*, *Transsexualism* e *Trangender*. Além disso, foram utilizados alguns filtros, são eles: artigos referentes aos últimos dez anos, artigos completos, pois muitos dos materiais disponíveis no *PubMed* são apenas resumos.

Com esses descritores e filtros, elencamos alguns critérios para a seleção dos artigos, são eles: os artigos deveriam conter as questões relacionadas aos estudos científicos realizados sobre a transexualidade; e os estudos deveriam ter como foco a explicação para as possíveis “causas” da transexualidade, a partir da investigação da materialidade biológica dos sujeitos – referente a genética, embriologia, fisiologia, morfologia e questões relacionadas ao cérebro –. Essa busca ocorreu durante o mês de abril de 2017.





Ao utilizar os descritores e filtros produzimos os seguintes dados: *Transsexuality*, obtivemos um total de 2.383 trabalhos e ficamos com 13 artigos científicos; *Transsexualism* encontramos um total de 3.437 trabalhos e ficamos com um total de 4 artigos científicos; *Transgender* obtivemos um total de 4.011 trabalhos e ficamos com um 1 artigo científico.

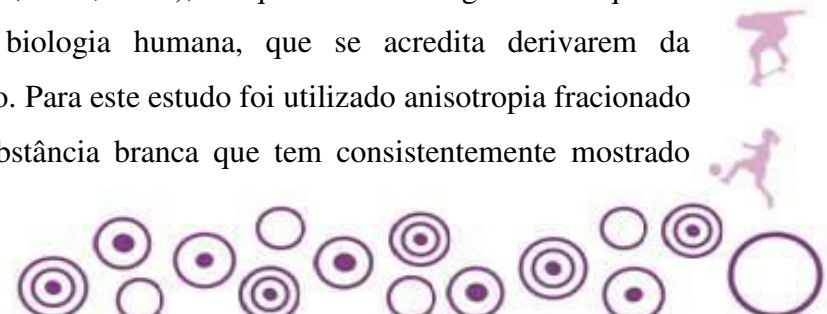
Tecendo algumas análises


Com base nos descritores e filtros, foram encontrados um total de 18 artigos que buscavam explicar a “causa” da transexualidade. Esses artigos analisavam as questões referentes a formação do cérebro; genéticas onde a “causa” da transexualidade está na repetição de genes; e as questões hormonais, onde os sujeitos possuíam transexuais apresentavam hormônios cruzados. Afim de pensar os saberes que vem sendo produzidos sobre estes sujeitos iremos focar em 3 dos 18 artigos, visto que esse é um recorte da pesquisa de mestrado está ainda está sendo desenvolvida.

O primeiro artigo “Androgen Receptor Repeat Length Polymorphism Associated with Male-to-Female Transsexualism” (HARE, *et al.*, 2009), analisa um provável componente genético para o transexualismo, como é mencionado no estudo. Acredita-se que os genes estão envolvidos nesse processo, além disso avaliam o papel dos polimorfismos de repetibilidade associados à doença nos genes do receptor de androgênio, do receptor de estrogênio e da aromatase. A análise foi realizada com 112 transexuais masculinos para femininos e 258 homens não transexuais. Este estudo foi realizado a partir da investigação das associações e interações entre o comprimento e a repetição de alguns genes, para identificar a transexualidade. Este estudo forneceu evidências de que a identidade de gênero masculina pode ser parcialmente mediada pelo receptor de andrógeno.

O segundo artigo “A Review of the Status of Brain Structure Research in Transsexualism” (GUILLAMON, *at al.*, 2016), analisa a estrutura cerebral de transexuais homossexuais masculinos para femininos e femininos para masculinos, antes e depois do tratamento com hormônios sexuais cruzados, através das técnicas de neuroimagem. Sugerem que o cérebro dos transexuais apresenta misturas muito complexas, além disso analisa os fenótipos cerebrais específicos, avaliando a assimetria e percepção corporal em transexuais.

Por fim o terceiro artigo “Structural connections in the brain in relation to gender identity and sexual orientation” (BURKE, *et al.*, 2017), diz que tanto o transgenerismo quanto a homossexualidade são facetas da biologia humana, que se acredita derivarem da diferenciação sexual diferente do cérebro. Para este estudo foi utilizado anisotropia fracionado como uma medida de conexões da substância branca que tem consistentemente mostrado





diferenças entre os sexos. Foram comparados homens transgênero e mulheres transexuais, além de um grupo controle composto por homossexuais e heterossexuais, onde foram analisadas as áreas cerebrais no processo de percepção e propriedade corporal.

Os artigos selecionados analisam o material genético, em especial os genes e a estrutura cerebral dos sujeitos trans, buscando identificar quais as causas para a transexualidade. O primeiro artigo trás a questão da doença relacionada aos genes dos sujeitos trans, já o segundo sugere que o cérebro dos/as transexuais apresentam misturas muito complexas, enquanto o último expõe que o cérebro difere do sexo biológico.

Percebe-se que os estudos, normalmente realizados em humanos e em grupos, buscam identificar uma possível “origem/causa” para a transexualidade. Para tanto os estudos são realizados, por equipes de diversos departamentos e campos do saber, como: Centro de pesquisa do cérebro, Equipe de Psicólogos, Psiquiatras, Psicologia Molecular, Hospital, Endocrinologistas, Química clínica, Unidade de Identidade de Gênero, Laboratório de Genética Molecular, Neurobiologia, Obstetrícia e Ginecologia, Medicina Reprodutiva, Biomédicos e são realizados em diferentes países, Holanda, Suécia, Alemanha, Canadá, Emirados Árabes Unidos, Austrália, Hungria, Estados Unidos, Itália. A produção construída por toda essa rede faz com que o discurso científico seja legitimado e instituído como única e absoluta verdade.

A partir das análises aqui realizadas, percebemos que o processo de investigação dos discursos científicos, a fim de legitimar os saberes produzidos, abordam a transexualidade com diferentes estratégias e exames complexos, além de diversas técnicas e tecnologias. Os estudos analisam em geral aspectos cerebrais e genéticos, buscando identificar as causas para a transexualidade, afim de entender essas questões e colocar em cheque esse discurso.

Assim pensar o quanto a ciência foi e ainda continua sendo um campo que é considerado legítimo para a produção da transexualidade. Por fim, percebemos o quanto a ciência produz um estatuto de verdade para as questões trans, buscando naturaliza-la como algo do biológico, do natural.

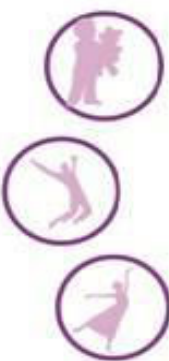
Referências

BURKE, Sarah et al. Structural connections in the brain in relation to gender identity and sexual orientation. **Scientific Reports**, dez. 2017. Disponível em:

<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5738422/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 256 p.





GUILLAMON, Antonio *et al.* A Review of the Status of Brain Structure Research in Transsexualism. **Arch Sex Behav.** jun. 2016. Disponível em:

<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4987404/>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

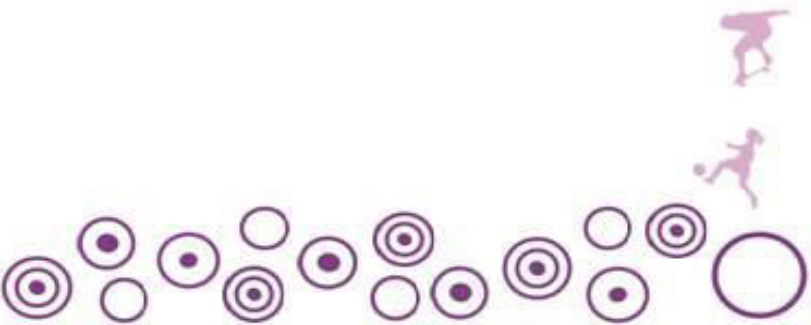
HARE, Lauren *et al.* Androgen Receptor Repeat Length Polymorphism Associated with Male-to-Female Transsexualism. **Biol Psychiatry**, jan. 2009. Disponível em:

<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3402034/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LEITE Jr, Jorge. **Nossos corpos também mudam a invenção das categorias “travesti” e “transsexual” no discurso científico.** São Paulo: Annablume, 2011. 240p.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Corpos transparentes, exames e outras tecnologias médicas:** a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais. 2012. 186 f. Tese

(Doutorado) - Curso de Ciências Biológicas, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

